

Boletim

Saiba como foi a 3ª turma do projeto



O Projeto Diálogo com Teatro chega ao final da sua 3ª turma! Neste semestre trabalhamos com escolas da Diretoria Regional de Ensino Sul 2 de São Paulo, que abrange bairros como Capão Redondo, Jardim São Luís e Jardim Ângela.

Um dos destaques desta edição foi a incrível adesão dos Professores Mediadores e Vice-Diretores do Programa Escola da Família. Das 31 escolas representadas por professores 27 desenvolveram projetos, o que levou a mobilização de 450 jovens. Um recorde em relação às demais edições!

A atividade de encerramento aconteceu no dia 5 de dezembro no CEU Capão Redondo, quando as turmas se reuniram para apresentar as cenas elaboradas nas escolas. Um diferencial deste semestre foi a utilização recorrente de histórias reais de violência escolar que estes jovens vivenciaram recentemente como: vídeo íntimo que foi parar na internet, ameaças pixadas na parede da escola, briga de meninas na porta do colégio e jovens gays falando sobre homofobia na sala de aula. As cenas revelaram a reflexão realizada com os jovens sobre estas situações e trouxeram novos encaminhamentos que incluíram, por exemplo, a valorização do diálogo, o respeito às diferenças e a necessidade de um esforço coletivo para a construção de uma escola pacífica.

Destacamos o trabalho de sistematização da metodologia e o aprofundamento de sua especificação para contexto do ensino estadual público de São Paulo. Nesta edição, conseguimos confirmar os temas e abordagens que são mais sensíveis ao se discutir violência escolar e consolidamos as estratégias pedagógicas para que eles sejam debatidos com os jovens. Na próxima turma daremos ênfase em estudar como o projeto pode ganhar sustentabilidade através de estruturas estáveis da própria Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.



Estudantes da periferia de São Paulo encenam espetáculos para defender cultura de paz

05/12/2012 - 17h27

Educação

Camila Maciel
Repórter da Agência

São Paulo - "Nada é defeito, nem qualidade. Tudo é humano e bem diferente. Assim, assado, todos são gente. Cada um na sua e não faz mal. Diversidade é o que é legal". O trecho do rap produzido por alunos do ensino médio de uma escola estadual de São Paulo é exemplo de como o discurso da tolerância tem chegado de forma diferente a 27 escolas paulistanas. Os 430 alunos que participaram da segunda edição do Projeto Diálogo com o Teatro apresentaram hoje (5), no bairro do Capão Redondo, o resultado das atividades sobre cultura de paz feitas pelo Instituto Sou da Paz.



"Mudar a violência que está lá fora pode começar aqui dentro. Todo mundo passa pela escola, e o aprendizado daqui a gente leva pra sempre", disse o aluno do 3º ano Reifra Araújo, 17 anos. Ele apresentou a peça *Diversidade É que É legal* junto com os colegas da Escola Estadual República do Panamá, no Jardim São Luís, também da zona sul da cidade.

O projeto, que começou em escolas das regiões central, norte e oeste, chegou a áreas de alto índice de violência. "Historicamente, essa região [a zona sul] continua sendo a que mais morre gente", destacou Cainan Baladez, coordenador do projeto Diálogo com o Teatro. Esta edição reúne comunidades de Paraisópolis, Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz. As apresentações ocorrem no Centro Educacional Unificado (CEU) do Capão Redondo.

O Instituto Sou da Paz, que encabeça a iniciativa em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, acredita que a escola é espaço privilegiado para tratar o tema da violência. "A escola é um dos primeiros grandes espaços de convivência. É onde existe o conflito, mas ele deve ser encarado como algo natural, esperado. Temos a oportunidade de discutir como solucionar estas questões de forma dialogada, pacífica", defendeu Ricardo Melo, coordenador da área de prevenção do instituto.

Os estudantes foram orientados por 48 professores-mediadores que participaram de 12 encontros de formação com a coordenação do projeto. No retorno às escolas, eles apresentaram a proposta aos alunos de discutir e formatar uma cena sobre o tema da cultura de paz. "Para falar de paz, eles acabam utilizando os exemplos cotidianos de violência", explica a professora Silvana Kruz Braga, que coordenou os trabalhos na escola República do Panamá.

Xingamentos, brigas nos intervalos, intrigas, desrespeito entre colegas e professores e uso do celular foram alguns dos assuntos abordados pelos estudantes nos espetáculos. A turma da Andressa Karoline Souza, 17 anos, escolheu um tema que afeta especialmente as novas gerações: o *cyberbullying* [prática que envolve o uso da internet para agredir ou agir de forma hostil com colegas]. "A gente viveu essa situação na nossa escola e quis mostrar isso na peça. É uma forma de retomar a história e explicar direitinho como tudo aconteceu", explicou Andressa.

Tiffany é a personagem principal do espetáculo O que todos veem, alguns enxergam. "Ela passa por uma situação difícil, porque um vídeo da intimidade dela foi parar na internet", conta a estudante. Na peça, Andressa repassa o vídeo para toda a escola e críticas à atitude da colega. "Ninguém fez questão de saber a verdade dela. Na vida real, a menina precisou sair da escola. Não teve violência física, mas foi até mais grave", avalia.

Cainan Baladez, o coordenador do projeto, ressalta que o trabalho feito nas escolas não deve ser o único instrumento para construção de uma cultura de paz. "A escola é reflexo [da violência] na sociedade, mas também é produtora. Ela deve ser vista como prioritária para quebrar esse ciclo de violência, mas, na sua forma atual, ainda não consegue fazer isso", avalia.

A professora Márcia Rodrigues, da Escola Estadual Waldir Rodolpho de Castro, no Capão Redondo, ficou surpresa com o nível de aprofundamento sobre o tema que os alunos alcançaram. "Trabalhar o tema com teatro facilitou bastante. No discurso, as coisas não apareciam. Quando a gente vai para cena, aparece muito mais conteúdo do que só na fala", relatou. Ela conta que, apesar de terem selecionado o tema do *bullying* para a encenação, outros temas fizeram parte do debate, como homofobia e autoritarismo de professores.

O coordenador do projeto avalia que a principal conquista da iniciativa é romper com a lógica de encontrar os culpados para o problema da violência na escola. "Havia uma leitura reducionista da violência escolar. A preocupação era procurar e punir o culpado. Normalmente, a família era a mais apontada. A gente faz o trabalho de transformar para uma visão mais sistêmica, identificando as várias causas. É preciso atuar com esse olhar. O que explode como violência nasce em outro lugar, normalmente não é no ato em si", defendeu.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- 11h12 Economia
IPC-S varia 0,63% na primeira semana de dezembro
- 10h56 Política
Lei que obriga detalhamento de impostos em notas fiscais é sancionada com vetos
- 10h45 Economia
Pagamento dos recursos da expansão do Brasil Carinhoso começa hoje
- 10h40 Economia
Receita Federal lança nova página na internet
- 9h24 Nacional
Diretor da Antaq é exonerado

NOTÍCIAS DO MESMO DIA

- 23h30 Nacional
Niemeyer morreu cercado pela família, diz médico
- 23h13 Cúpula do Mercosul, Educação
Jovens defendem educação de qualidade nos países do Mercosul
- 22h49 Nacional
Governador Sérgio Cabral lamenta morte de Niemeyer e decreta luto oficial no Rio de Janeiro
- 22h46 Cultura, Nacional
Fundação sem fins lucrativos abriga acervo de Niemeyer no Rio

TEM MEDO DE FAZER A ESCOLHA ERRADA?

PASSE O MOUSE >

05/12/2012 | 18h02 > Atualizada 05/12/2012 | 18h02

Estudantes da periferia de São Paulo encenam espetáculos para defender cultura de paz [COMENTE](#)

Camila Maciel
Da Agência Brasil, em São Paulo

Email +1 Tweetar 0 Recomendar 0

Imprimir Comunicar erro

Marcelo Camargo/Abr



"Nada é defeito, nem qualidade. Tudo é humano e bem diferente. Assim, assado, todos são gente. Cada um na sua e não faz mal. Diversidade é o que é legal". O trecho do rap produzido por alunos do ensino médio de uma escola estadual de São Paulo é exemplo de como o discurso da tolerância tem chegado de forma diferente a 27 escolas paulistanas. Os 430 alunos que participaram da segunda edição do Projeto Diálogo com o Teatro apresentaram hoje (5), no bairro do Capão Redondo, o resultado das atividades sobre cultura de paz feitas pelo Instituto Sou da Paz.

"Mudar a violência que está lá fora pode começar aqui dentro. Todo mundo passa pela escola, e o aprendizado daqui a gente leva pra sempre", disse o aluno do 3º ano Reifra Araújo, 17 anos. Ele apresentou a peça Diversidade é que é legal junto com os colegas da Escola Estadual República do Panamá, no Jardim São Luís, também da zona sul da cidade.

O projeto, que começou em escolas das regiões central, norte e oeste, chegou a áreas de alto índice de violência. "Historicamente, essa região [a zona sul] continua sendo a que mais morre gente", destacou Cainan Baladez, coordenador do projeto Diálogo com o Teatro. Esta edição reúne comunidades de Paraisópolis, Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz. As apresentações ocorrem no CEU (Centro Educacional Unificado) do Capão Redondo.

Mediação

O Instituto Sou da Paz, que encabeça a iniciativa em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, acredita que a escola é espaço privilegiado para tratar o tema da violência. "A escola é um dos primeiros grandes espaços de convivência. É onde existe o conflito, mas ele deve ser encarado como algo natural, esperado. Temos a oportunidade de discutir como solucionar estas questões de forma dialogada, pacífica", defendeu Ricardo Melo, coordenador da área de prevenção do instituto.

UOL Notícias

Curtir

352.703 pessoas curtiram UOL Notícias.



COMPARTILHE
SUA LEITURA

Conecte-se

SIGA UOLEDUCAÇÃO NO [twitter](#)

Publicidade

ÍNDICES DE QUALIDADE

Enem 2011 por escola: confira [32](#)

▼ Saiba como usar o índice



Confira qual é o Ideb 2011 do seu Estado

[15](#)

▼ O que é o Ideb?



IGC 2011: Apenas 27 instituições de ensino superior recebem "nota máxima" do MEC; veja quais são

TEM MEDO DE FAZER A ESCOLHA ERRADA?

PASSE O MOUSE >

Os estudantes foram orientados por 48 professores-mediadores que participaram de 12 encontros de formação com a coordenação do projeto. No retorno às escolas, eles apresentaram a proposta aos alunos de discutir e formatar uma cena sobre o tema da cultura de paz. "Para falar de paz, eles acabam utilizando os exemplos cotidianos de violência", explica a professora Silvana Kruz Braga, que coordenou os trabalhos na escola República do Panamá.

Xingamentos, brigas nos intervalos, intrigas, desrespeito entre colegas e professores e uso do celular foram alguns dos assuntos abordados pelos estudantes nos espetáculos. A turma da Andressa Karoline Souza, 17 anos, escolheu um tema que afeta especialmente as novas gerações: o cyberbullying [prática que envolve o uso da internet para agredir ou agir de forma hostil com colegas]. "A gente viveu essa situação na nossa escola e quis mostrar isso na peça. É uma forma de retomar a história e explicar direitinho como tudo aconteceu", explicou Andressa.

Tiffany é a personagem principal do espetáculo O que todos veem, alguns enxergam. "Ela passa por uma situação difícil, porque um vídeo da intimidade dela foi parar na internet", conta a estudante. Na peça, Andressa repassa o vídeo para toda a escola e críticas à atitude da colega. "Ninguém fez questão de saber a verdade dela. Na vida real, a menina precisou sair da escola. Não teve violência física, mas foi até mais grave", avalia.

Cultura de paz

Cainan Baladez, o coordenador do projeto, ressalta que o trabalho feito nas escolas não deve ser o único instrumento para construção de uma cultura de paz. "A escola é reflexo [da violência] na sociedade, mas também é produtora. Ela deve ser vista como prioritária para quebrar esse ciclo de violência, mas, na sua forma atual, ainda não consegue fazer isso", avalia.

A professora Márcia Rodrigues, da Escola Estadual Waldir Rodolpho de Castro, no Capão Redondo, ficou surpresa com o nível de aprofundamento sobre o tema que os alunos alcançaram. "Trabalhar o tema com teatro facilitou bastante. No discurso, as coisas não apareciam. Quando a gente vai para cena, aparece muito mais conteúdo do que só na fala", relatou. Ela conta que, apesar de terem selecionado o tema do bullying para a encenação, outros temas fizeram parte do debate, como homofobia e autoritarismo de professores.

O coordenador do projeto avalia que a principal conquista da iniciativa é romper com a lógica de encontrar os culpados para o problema da violência na escola. "Havia uma leitura reducionista da violência escolar. A preocupação era procurar e punir o culpado. Normalmente, a família era a mais apontada. A gente faz o trabalho de transformar para uma visão mais sistêmica, identificando as várias causas. É preciso atuar com esse olhar. O que explode como violência nasce em outro lugar, normalmente não é no ato em si", defendeu.



1

Enem 2012: fotos do exame no Rio de Janeiro



2

Conheça pessoas famosas que estudaram na USP



3

Pais admitem censurar mensagens no "Diário de Classe"



4

#AprendinoEnem: alunos fazem piada no Twitter



5

Escritores indicam 30 livros imperdíveis; confira lista



Estudantes da periferia de SP encenam espetáculos em nome da cultura de paz

Agência Brasil

Publicação: 05/12/2012 17:57 Atualização:

São Paulo - "Nada é defeito, nem qualidade. Tudo é humano e bem diferente. Assim, assado, todos são gente. Cada um na sua e não faz mal. Diversidade é o que é legal". O trecho do rap produzido por alunos do ensino médio de uma escola estadual de São Paulo é exemplo de como o discurso da tolerância tem chegado de forma diferente a 27 escolas paulistas. Os 430 alunos que participaram da segunda edição do Projeto Diálogo com o Teatro apresentaram nesta quarta-feira (5/12), no bairro do Capão Redondo, o resultado das atividades sobre cultura de paz feitas pelo Instituto Sou da Paz.

"Mudar a violência que está lá fora pode começar aqui dentro. Todo mundo passa pela escola, e o aprendizado daqui a gente leva pra sempre", disse o aluno do 3º ano Reifra Araújo, 17 anos. Ele apresentou a peça Diversidade é que é legal junto com os colegas da Escola Estadual República do Panamá, no Jardim São Luís, também da zona sul da cidade.

O projeto, que começou em escolas das regiões central, norte e oeste, chegou a áreas de alto índice de violência. "Historicamente, essa região [a zona sul] continua sendo a que mais morre gente", destacou Cainan Baladez, coordenador do projeto Diálogo com o Teatro. Esta edição reúne comunidades de Paraisópolis, Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz. As apresentações ocorrem no Centro Educacional Unificado (CEU) do Capão Redondo.

Leia mais notícias de Diversão e Arte

O Instituto Sou da Paz, que encabeça a iniciativa em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, acredita que a escola é espaço privilegiado para tratar o tema da violência. "A escola é um dos primeiros grandes espaços de convivência. É onde existe o conflito, mas ele deve ser encarado como algo natural, esperado. Temos a oportunidade de discutir como solucionar estas questões de forma dialogada, pacífica", defendeu Ricardo Melo, coordenador da área de prevenção do instituto.

Os estudantes foram orientados por 48 professores-mediadores que participaram de 12 encontros de formação com a coordenação do projeto. No retorno às escolas, eles apresentaram a proposta aos alunos de discutir e formatar uma cena sobre o tema da cultura de paz. "Para falar de paz, eles acabam utilizando os exemplos cotidianos de violência", explica a professora Silvana Kruz Braga, que coordenou os trabalhos na escola República do Panamá.

Xingamentos, brigas nos intervalos, intrigas, desrespeito entre colegas e professores e uso do celular foram alguns dos assuntos abordados pelos estudantes nos espetáculos. A turma da Andressa Karoline Souza, 17 anos, escolheu um tema que afeta especialmente as novas gerações: o cyberbullying [prática que envolve o uso da internet para agredir ou agir de forma hostil com colegas]. "A gente viveu essa situação na nossa escola e quis mostrar isso na peça. É uma forma de retomar a história e explicar direitinho como tudo aconteceu", explicou Andressa.

Tiffany é a personagem principal do espetáculo O que todos veem, alguns enxergam. "Ela passa por uma situação difícil, porque um vídeo da intimidade dela foi parar na internet", conta a estudante. Na peça, Andressa repassa o vídeo para toda a escola e critica à atitude da colega. "Ninguém fez questão de saber a verdade dela. Na vida real, a menina precisou sair da escola. Não teve violência física, mas foi até mais grave", avalia.

Cainan Baladez, o coordenador do projeto, ressalta que o trabalho feito nas escolas não deve ser o único instrumento para construção de uma cultura de paz. "A escola é reflexo [da violência] na sociedade, mas também é produtora. Ela deve ser vista como prioritária para quebrar esse ciclo de violência, mas, na sua forma atual, ainda não consegue fazer isso", avalia.

A professora Márcia Rodrigues, da Escola Estadual Waldir Rodolpho de Castro, no Capão Redondo, ficou surpresa com o nível de aprofundamento sobre o tema que os alunos alcançaram. "Trabalhar o tema com teatro facilitou bastante. No discurso, as coisas não apareciam. Quando a gente vai para cena, aparece muito mais conteúdo do que só na fala", relatou. Ela conta que, apesar de terem selecionado o tema do bullying para a encenação, outros temas fizeram parte do debate, como homofobia e autoritarismo de professores.

O coordenador do projeto avalia que a principal conquista da iniciativa é romper com a lógica de encontrar os culpados para o problema da violência na escola. "Havia uma leitura reducionista da violência escolar. A preocupação era procurar e punir o culpado. Normalmente, a família era a mais apontada. A gente faz o trabalho de transformar para uma visão mais sistêmica, identificando as várias causas. É preciso atuar com esse olhar. O que explode como violência nasce em outro lugar, normalmente não é no ato em si", defendeu.



A VOZ É A DELA

Ellen Oléria, de Ceilândia, é finalista - e favorita - no programa The Voice Brasil



Mais acessadas Últimas notícias

De até OK

08:22 - Cantor David Correy prepara-se para encontrar com mãe brasileira

08:17 - Teatrólogo Eugenio Barba vem a cidade para ensinar métodos artísticos

08:11 - Documentário que retrata vida de Cássia Eller será lançado em 2013

08:06 - Canção Flor do sol, feita por Cássia e Simone, é lançada nesta segunda

08:01 - Cartas escritas por Cássia Eller trazem referências ao trabalho e à família

08:00 - Correio tem acesso à carta de Cássia Eller enviada para a namorada

07:57 - Hermeto Pascoal se apresenta em Brasília com repertório surpresa

17:54 - Ellen Oléria, de Ceilândia, é finalista e favorita no The Voice Brasil

[Veja a lista completa »](#)

Pós-Graduação a Distância

Comunicação Social 10 Cursos

MBA 47 Cursos

Marketing 7 Cursos

Zafira Eleg.2.0 MPFI FlexPower 8V 5p Aut
Ano: 2009
R\$ 37900.00

Corsa Sed Class.Life 1.0/1.0 FlexPower
Ano: 2009
R\$ 20900.00

Punto ELX 1.4 Fire Flex 8V 5p
Ano: 2008
R\$ 26990.00

307 SW Allure 2.0 16V 5p Mec.
Ano: 2008
R\$ 29990.00

Projeto Diálogo com o Teatro »

Estudantes da periferia de São Paulo encenam espetáculos para defender cultura de paz

Agência Brasil

Publicação: 05/12/2012 16:32 Atualização:

"Nada é defeito, nem qualidade. Tudo é humano e bem diferente. Assim, assado, todos são gente. Cada um na sua e não faz mal. Diversidade é o que é legal". O trecho do rap produzido por alunos do ensino médio de uma escola estadual de São Paulo é exemplo de como o discurso da tolerância tem chegado de forma diferente a 27 escolas paulistanas. Os 430 alunos que participaram da segunda edição do Projeto Diálogo com o Teatro apresentaram hoje (5), no bairro do Capão Redondo, o resultado das atividades sobre cultura de paz feitas pelo Instituto Sou da Paz.

"Mudar a violência que está lá fora pode começar aqui dentro. Todo mundo passa pela escola, e o aprendizado daqui a gente leva pra sempre", disse o aluno do 3º ano Reifra Araújo, 17 anos. Ele apresentou a peça *Diversidade é que é legal* junto com os colegas da Escola Estadual República do Panamá, no Jardim São Luís, também na zona sul da cidade.

O projeto, que começou em escolas das regiões central, norte e oeste, chegou a áreas de alto índice de violência. "Historicamente, essa região [a zona sul] continua sendo a que mais morre gente", destacou Cainan Baladez, coordenador do projeto Diálogo com o Teatro. Esta edição reúne comunidades de Paraisópolis, Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz. As apresentações ocorrem no Centro Educacional Unificado (CEU) do Capão Redondo.

O Instituto Sou da Paz, que encabeça a iniciativa em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, acredita que a escola é espaço privilegiado para tratar o tema da violência. "A escola é um dos primeiros grandes espaços de convivência. É onde existe o conflito, mas ele deve ser encarado como algo natural, esperado. Temos a oportunidade de discutir como solucionar estas questões de forma dialogada, pacífica", defendeu Ricardo Melo, coordenador da área de prevenção do instituto.

Os estudantes foram orientados por 48 professores-mediadores que participaram de 12 encontros de formação com a coordenação do projeto. No retorno às escolas, eles apresentaram a proposta aos alunos de discutir e formatar uma cena sobre o tema da cultura de paz. "Para falar de paz, eles acabam utilizando os exemplos cotidianos de violência", explica a professora Silvana Kruz Braga, que coordenou os trabalhos na escola República do Panamá.

Xingamentos, brigas nos intervalos, intrigas, desrespeito entre colegas e professores e uso do celular foram alguns dos assuntos abordados pelos estudantes nos espetáculos. A turma da Andressa Karoline Souza, 17 anos, escolheu um tema que afeta especialmente as novas gerações: o *cyberbullying* [prática que envolve o uso da internet para agredir ou agir de forma hostil com colegas]. "A gente viveu essa situação na nossa escola e quis mostrar isso na peça. É uma forma de retomar a história e explicar direitinho como tudo aconteceu", explicou Andressa.

Tiffany é a personagem principal do espetáculo O que todos veem, alguns enxergam. "Ela passa por uma situação difícil, porque um vídeo da intimidade dela foi parar na internet", conta a estudante. Na peça, Andressa repassa o vídeo para toda a escola e críticas à atitude da colega. "Ninguém fez questão de saber a verdade dela. Na vida real, a menina precisou sair da escola. Não teve violência física, mas foi até mais grave", avalia.

Cainan Baladez, o coordenador do projeto, ressalta que o trabalho feito nas escolas não deve ser o único instrumento para construção de uma cultura de paz. "A escola é reflexo [da violência] na sociedade, mas também é produtora. Ela deve ser vista como prioritária para quebrar esse ciclo de violência, mas, na sua forma atual, ainda não consegue fazer isso", avalia.

A professora Márcia Rodrigues, da Escola Estadual Waldir Rodolpho de Castro, no Capão Redondo, ficou surpresa com o nível de aprofundamento sobre o tema que os alunos alcançaram. "Trabalhar o tema com teatro facilitou bastante. No discurso, as coisas não apareciam. Quando a gente vai para cena, aparece muito mais conteúdo do que só na fala", relatou. Ela conta que, apesar de terem selecionado o tema do *bullying* para a encenação, outros temas fizeram parte do debate, como homofobia e autoritarismo de professores.

O coordenador do projeto avalia que a principal conquista da iniciativa é romper com a lógica de encontrar os culpados para o problema da violência na escola. "Havia uma leitura reducionista da violência escolar. A preocupação era procurar e punir o culpado. Normalmente, a família era a mais apontada. A gente faz o trabalho de transformar para uma visão mais sistêmica, identificando as várias causas. É preciso atuar com esse olhar. O que explode como violência nasce em outro lugar, normalmente não é no ato em si", defendeu.

 Acompanhe também o Pernambuco.com pelo Twitter

Fotos Vídeos



Festa no Morro 2012
O Recife se vestiu de azul e branco em homenagem a Nossa Senhora da Conceição....



Mais acessadas Últimas notícias

De até OK

09:51 - Itens raros de artistas internacionais vão a leilão em São Paulo

09:29 - Ameaçado, bispo deixa São Félix do Araguaia

09:20 - Detento confessa ter ordenado morte da ex-namorada e da sogra de dentro da cadeia

09:19 - Vovó do pó se regenera e agora combate o vício

09:19 - Grávida e homem de 24 anos são mortos a tiros em Contagem

09:14 - Polícia investiga queda de trio da janela do 3º andar em hotel em Brasília

09:14 - Itens raros de artistas internacionais vão a leilão em São Paulo

19:20 - Incêndio destrói apartamento duplex em Copacabana

[Veja a lista completa »](#)

PROJETO DIÁLOGO

Periferia faz arte em defesa da paz

DA REDAÇÃO

“Nada é defeito, nem qualidade. Tudo é humano e bem diferente. Assim, assado, todos são gente. Cada um na sua e não faz mal. Diversidade é o que é legal”. O trecho do rap produzido por alunos do Ensino Médio de uma escola estadual de São Paulo é exemplo de como o discurso da tolerância tem chegado de forma diferente a 27 escolas paulistas. Os 430 alunos que participaram da segunda edição do Projeto Diálogo com o Teatro apresentaram no bairro do Capão Redondo, o resultado das atividades sobre cultura de paz realizadas pelo Instituto Sou da Paz.

“Mudar a violência que está lá fora pode começar aqui dentro. Todo mundo passa pela escola, e o aprendizado daqui a gente leva pra sempre”, disse o

aluno do 3º ano Reifra Araújo, 17 anos. Ele apresentou a peça *Diversidade É que É legal* junto com os colegas da Escola Estadual República do Panamá, no Jardim São Luís, também da Zona Sul da cidade.

O projeto, que começou em escolas das regiões Central, Norte e Oeste, chegou a áreas de alto índice de violência. “Historicamente a Zona Sul continua sendo a que mais morre gente”, destacou Cainan Baladez, coordenador do projeto Diálogo com o Teatro. A última edição reuniu comunidades de Paraisópolis, Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz. As apresentações ocorreram no Centro Educacional Unificado (CEU) do Capão Redondo.

O Instituto Sou da Paz, que encabeça a iniciativa em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, acredita que a es-

cola é espaço privilegiado para tratar o tema da violência. “A escola é um dos primeiros grandes espaços de convivência. É onde existe o conflito, mas ele deve ser encarado como algo natural, esperado”, diz Ricardo Melo, coordenador do instituto.

Os estudantes foram orientados por 48 professores-mediadores que participaram de 12 encontros de formação com a coordenação do projeto. No retorno às escolas, eles apresentaram a proposta aos alunos de discutir e formatar uma cena sobre o tema da cultura de paz. “Para falar de paz, eles acabam utilizando os exemplos cotidianos de violência”, explica a professora Silvana Kruz Braga, que coordenou os trabalhos na escola República do Panamá.

Xingamentos, brigas nos intervalos, intrigas, desrespeito entre colegas e professores e

uso do celular foram alguns dos assuntos abordados pelos estudantes nos espetáculos. A turma da Andressa Karoline Souza, 17 anos, escolheu um tema que afeta especialmente as novas gerações: o cyberbullying, prática que envolve o uso da internet para agredir ou agir de forma hostil com colegas. “A gente viveu essa situação na nossa escola e quis mostrar isso na peça”, explicou Andressa.

Cainan Baladez, o coordenador do projeto, ressalta que o trabalho feito nas escolas não deve ser o único instrumento para construção de uma cultura de paz. “A escola é reflexo da violência na sociedade, mas também é produtora. Ela deve ser vista como prioritária para quebrar esse ciclo de violência, mas, na sua forma atual, ainda não consegue fazer isso”, avalia. (Com Agência Brasil)



Parceria



Secretaria da Educação

Secretaria da Cultura



Patrocínio



Realização



Ministério da
Cultura

